

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ÍTALO BRASILEIRO
CURSO DE LETRAS**

LUÍS FILIPE SANTA RITA BARRETO DEFANTI

A POESIA NA LEITURA DRUMONDIANA

**São Paulo
2022**

LUÍS FILIPE SANTA RITA BARRETO DEFANTI

A POESIA NA LEITURA DRUMONDIANA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro Universitário Ítalo
Brasileiro, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.
Profa. Dra. Cátia Rodrigues

**São Paulo
2022**

LUÍS FILIPE SANTA RITA BARRETO DEFANTI

A POESIA NA LEITURA DRUMONDIANA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao centro universitário Ítalo Brasileiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras sob a orientação da Profa. Dra. Cátia Rodrigues.

Nota: _____

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof: _____

Assinatura: _____

Prof: _____

Assinatura: _____

Prof: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que se esforçam por fazer da própria existência uma literatura viva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Centro Universitário Ítalo Brasileiro pela formação acadêmica que me proporcionaram nestes anos de estudo;

Agradeço aos professores, em particular à Profa. Cátia Rodrigues, pelo apoio e estímulo, ajuda e amizade.

Agradeço aos Arautos do Evangelho, instituição da qual faço parte.

Agradeço aos meus pais, irmãos e amigos.

Agradeço aos meus amigos Luiz Huhnen e Eduardo Noubleau pela contribuição que me deram neste trabalho acadêmico.

A todos, fico muito obrigado e peço que Deus os abençoe.

RESUMO

Este trabalho buscou focar a perspectiva existente no comportamento do indivíduo frente aos acontecimentos do mundo à sua volta, na obra **Sentimento do Mundo** de Carlos Drummond de Andrade (1940). Foram realizadas análises de poemas enfatizando o confronto do indivíduo com o mundo.

Palavras chave: Modernismo; caráter social; Fuga às formas convencionais; Crítica à sociedade burguesa; Inconformismo social.

ABSTRACT

This study sought to focus the existing perspective on the behavior of the individual in the events of the world around him, on the work "Sentimento do mundo" by Carlos Drummond de Andrade (1940). Analysis of poems emphasizing the confrontation of the individual with the world have been accomplished.

Keywords: Modernism; social character; Trail to conventional forms; Critique of bourgeois society; Social nonconformity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. A OBRA COMO REFLEXO DO MUNDO.....	03
3. A ESSENCIALIDADE DE DRUMMOND.....	04
4. CONCEPÇÕES REVELADAS.....	08
5. CONCLUSÃO.....	22
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

A obra **Sentimento do Mundo** foi publicada em 1940 iniciando um segundo momento na carreira do autor onde a sua poesia evidenciou um reflexo do mundo sociocultural promovendo uma reflexão crítica sobre a sua realidade.

Os anos trinta foram marcados por profundas transformações no cenário político do Brasil e do Mundo. Com isso, os modernistas, que em sua primeira fase deram certa ênfase ao projeto estético viram a oportunidade de, nesse segundo momento, espelhar na poesia as inquietações do indivíduo inserido em seu contexto social.

O contexto histórico de um mundo entre guerras faz com que surja em Drummond uma nova postura. E a obra *Sentimento do mundo*, escolhida para o presente estudo, vem trazer à tona as contradições entre o eu e o mundo – veio principal de sua obra poética – com poemas nos quais o eu lírico manifesta interesse pelos problemas da vida social, da qual estivera isolado até então.

Brayner salienta a linguagem em prol da expressão realista, a qual se posiciona como testemunha de um mundo doente:

sua luta com as palavras seria uma luta pela expressão, mas que fosse a expressão testemunha da dor do mundo. O mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo, sua falta de humanidade, seu desprezo pelo homem, é a bête noire do poeta. Atacou-o de frente, nos seus mitos e valores. Reagiu contra ele, mediante um “sentimento do mundo” que protesta ante a miséria a que é o homem levado pela circunstância de haver ele sido construído à revelia de sua essência humana. (BRAYNER, 1978, p. 10)

Carlos Drummond de Andrade trouxe consigo uma interioridade provinda de sua cidade natal, Itabira- MG, que o fez capaz de “criar” com tamanha sensibilidade, de ser extremamente objetivo e seguiu assim, construindo seu percurso poético dentro de uma estética própria, diversificada e vigente de seu tempo.

A presente pesquisa partiu do interesse de ser Drummond, um poeta moderno, onde na figura de um eu-lírico sensível pode retratar os problemas e os conflitos de seu tempo de forma crítica e ousada. Mostrando a visão que o poeta tinha frente a um Brasil sob múltiplas transformações político-sociais.

Analisando a perspectiva existente no comportamento do indivíduo frente aos acontecimentos do mundo à sua volta, a obra **Sentimento do Mundo** de Carlos Drummond de Andrade busca promover através da poesia um choque social, ou seja, o confronto do indivíduo com o mundo.

Propõe-se neste trabalho a análise do envolvimento do escritor nas questões sociais, as quais podem ser consideradas como o aspecto mais relevante dessa obra.

2. A OBRA COMO REFLEXO DO MUNDO

Com **Sentimento do mundo** Drummond, vem trazer à tona as contradições entre o eu e o mundo – veio principal de sua obra poética – com poemas nos quais o eu lírico manifesta interesse pelos problemas da vida social, da qual estivera isolado até então. Esse segundo momento, aflorado em sua terceira obra, nos revela a visão que o poeta tinha frente a um Brasil sob múltiplas transformações político-sociais, as quais apontam para uma nova direção da poesia Drummondiana, onde ocorre a descoberta do social, segundo o crítico Affonso Romano de Sant’Anna (1992, p.35):

Quando, a partir de Sentimento do Mundo, se inicia uma descoberta do tempo através do social,(...). Inicia a conquista de si mesmo, que é a conquista do espaço original. Começam a se tornar mais frequentes os verbos implicando andar, ir, deslizar até a fórmula final sintetizada em viajar. Um sentimento mais físico da realidade vai se articulando.

Suas duas obras anteriores *Alguma Poesia* (1930) e *Brejo das Almas* (1934) revelaram particularidades de um eu-lírico altamente individualista, irônico e cético. Enquanto aquele livro revela um individualismo irônico e alheio à realidade ao seu redor, neste podemos observar uma certa intensificação da sua individualidade com uma atitude crítica e pessimista de descrença nas ações do ser humano.

Inaugurando uma nova fase da produção poética de Drummond, a obra *Sentimento do Mundo* é marcada por uma poesia social, onde é possível notar o deslocamento do foco de atenção do poeta, que direciona seu olhar para a realidade concreta que o permeia, ou seja, os problemas do mundo despertando-lhe desejos e inquietudes suscitando-lhe numa postura reflexiva. Esse eu-lírico reflexivo marcará o surgimento de um Drummond inconformado com as injustiças públicas e sociais revelando suas preocupações.

Pode-se afirmar que a tônica principal da obra de Carlos Drummond de Andrade é a simplicidade, onde os valores e a tradição se constroem formando uma identidade pessoal que faz dele um poeta universal.

3. A ESSENCIALIDADE DE DRUMMOND

Sua poesia é permeada das sutilezas inerentes do cotidiano, bem como, envolve de uma fina crítica social. Possuidor de uma poética própria, Drummond buscou fazer uso de uma linguagem simples, coloquial, retratando fatos da vida cotidiana. Empregando construções linguísticas de uso comum o poeta fugiria, então, das formas líricas tradicionais. Usando o “humor”, Drummond, passa a criticar duramente o modelo convencional revelando a latência de seu inconformismo.

Então, consciente da funcionalidade de sua poesia e de seu papel no mundo, Drummond fez da palavra um instrumento de luta, um meio de expressão de seu inconformismo através do contato com o sentimento, com a “dor do mundo” ao seu redor.

Enquanto na fase heroica do Modernismo a ênfase estava no projeto estético, na geração de 30 a ênfase centrava-se no projeto ideológico. Como observa João Luiz Lafetá justificando que, nos anos 30, o Modernismo “já teria obtido ampla vitória com seu programa estético e se encontrava no instante de se voltar para outro tipo de preocupação – a preocupação social” (LAFETÁ, 1974, p.17). É nesta fase que se encontra Drummond, ou seja, numa fase mais madura e crítica do Movimento Modernista. Assim, percebendo os conflitos emergentes da sua época, soube construir uma poética que pudesse traduzir bem as contradições políticas e sociais vigentes, pois, o contexto histórico clamava por uma poesia crítica, que desse conta da modernidade, bem como de suas consequências.

Retratando questões importantes de sua era de forma crítica, a produção poética de Carlos Drummond de Andrade nos revela uma espécie de retrato do Brasil, segundo Mário Faustino:

a poesia de Carlos Drummond de Andrade é do mundo crítico, de um país e de uma época (...) e que “(no futuro, quem quiser conhecer o Geist brasileiro, pelo menos de entre 1930 e 1945, terá que recorrer muito mais a Drummond que a certos historiadores, sociólogos e antropólogos e “filósofos” nossos...)”, ou seja, a poesia de Drummond é “um documento humano apologético do homem” (apud SANTOS, 2006, p.119)

Assim, reside uma das grandezas da obra do poeta, que com sua genialidade sensível aos acontecimentos, foi capaz de retratar um Brasil poetizado com todos os

seus conflitos sociais e políticos. Desta forma, Drummond, pôde nos mostrar sua maneira pessoal de entender o real sentido da palavra “modernidade” com suas poesias.

A obra *Sentimento do Mundo* é um livro pequeno, com apenas 28 poemas, onde nenhum deles se encontra preso a uma forma fixa convencional, ou seja, não possuem rimas. Seus poemas evidenciam segundo José Guilherme Merquior “uma consciência literária sensibilizada pelas tensões e conflitos do período pré-guerra” e que a obra “Sentimento do Mundo é a tomada de consciência do universo histórico concreto”. A obra foi concebida entre (1935-1940), onde o Brasil e o Mundo enfrentavam grandes transformações nos cenários nacional (ditadura com a implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas) e internacional (crescimento do fascismo e do nazismo e a Segunda Guerra Mundial), (apud MACIEL e XAVIER, 2002, p. 34).

José Guilherme Merquior considera ainda que, em Carlos Drummond de Andrade, a “desconfiança do espírito moderno em relação a toda forma de idealização mitológica desemboca num realismo integral”, (MERQUIOR, 1975. p.20).

Com o livro, *Sentimento do Mundo*, o poeta acreditou ter encontrado uma solução para o dilema individual do ser humano e “resolvido as contradições elementares da [minha] poesia”, como ele próprio declarou em “Autobiografia para uma revista” (Andrade, 2001, p.18).

Simpatizante dos movimentos sociais emergentes, Drummond, explicando seu desencanto com a militância, com a censura que o impediu de atuar na página literária do jornal *Tribuna Popular* declarou: “A violência não era só contra as minhas ideias, mas contra a minha sensibilidade” e decide, enfim, se afastar da vida política fazendo uma declaração na página do diário em 12 de abril de 1945:

Minha suspeita é que o partido, como forma obrigatória de engajamento, anula a liberdade de movimentos, a faculdade que tem o espírito de guiar-se por si mesmo e estabelecer ressalvas à orientação partidária. Nunca pertencerei a um partido, isto já decidi (...) a inexorabilidade, a malícia, a cruza, o oportunismo da ação política me desagradam, e eu, no fundo, quero ser um intelectual político sem experimentar as impurezas da ação política (Drummond, 1985, p. 31).

Tal declaração nos mostra um poeta mais maduro, preocupado em não se deixar seduzir pelas amarras da vida política com toda sua malícia e deixando claro

sua crítica ao sistema político, sustentando a sua posição de ser apenas um intelectual político.

A obra **Sentimento do Mundo** marca o início dessa mudança de posição e de acordo Massuad Moisés "é nesse ponto de sua trajetória que desabrocha, com veemência serena e cauta, a temática política e social" (MASSUAD,1983, p.22).

Para José Guilherme Merquior, a temática que predomina é o choque social onde: "sua significação essencial é a negação do individualismo (...), a percepção dolorosa da realidade social, das necessidades elementares (e alimentares) da humanidade sofredora" (apud MACIEL e XAVIER, 2002, p.33).

Segundo Pedro Lyra (LYRA, 2002, p.34; ANDRADE, 2006, p.22), o título dessa obra sugere "o sentimento que o indivíduo tem do mundo, designando aquela compreensão afetiva e crítica do universo que caracteriza a poesia superior".

O crítico Antônio Cândido observa que há, em Drummond, "uma espécie de consciência aguda em relação ao que diz e faz. Se aborda o ser, imediatamente lhe ocorre que seria mais válido tratar do mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo do ser" (1970, p.78). Sendo possível perceber, que por mais que seus poemas abordem a questão social, o "eu" não será excluído, como também afirma Merquior (1975, p.34) "a ética do engajamento não exclui a solidão".

Segundo Luiz Carlos Junqueira Maciel e Gilberto Xavier: "O poeta fará a denúncia do eu evacionista, mas o eu será poetizado" (2002, p.34).

Francisco Achcar tece ainda tais considerações a respeito da obra:

embora em *Sentimento do Mundo* comece a se adensar e a ganhar outro nervo à poesia social, conforme a hora exigia a temática do eu continua ocupando amplo espaço, e espaço de honra, não se trata do indivíduo em seu isolamento; tratar-se-ia agora do 'ser-com', o indivíduo assimilado ao mundo (2000, p.34).

Para Davi Arrigucci, o eu-lírico Drummondiano é reflexivo quando utiliza as palavras para expressar seus sentimentos frente a uma realidade que se impõe, ou seja, o poeta "persegue com palavras precisas até os movimentos imperceptíveis do coração, arriscando-se a procurar pela reflexão o que não se pode dizer, aquilo a que falta nome" (2002, p.41).

Arrigucci afirma ainda que: “o poeta que surgiu em 1930 e acabou se tornando a figura emblemática da poesia moderna no Brasil construiu uma grande obra em que tudo acontece por conflito” (2002, p.15).

4. CONCEPÇÕES REVELADAS

O poeta inicia seu livro com o poema que dá título a obra “**Sentimento do Mundo**”, nele o poeta vai falar de suas inquietações pessoais, da renúncia de seus desejos, os quais o conduzirão a uma inevitável solidão.

Sentimento do Mundo

(...)

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.
Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior às fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.
Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais que a noite. (ANDRADE, 2001, p.67).

Segundo Santos (2006, p.92), no final deste poema a solidão prevalece e “A solidão final não é uma escolha pessoal, mas influenciada por um fator social externo ao sujeito – no caso, a guerra”. O final do poema registra um pessimismo advindo do sentimento de abandono e da falta de esperança futura, e resta a “voz de uma solidão fraternal”, como observa também Merquior (apud MACIEL e XAVIER, 2002, p.21).

Essa consciência da fragilidade do mundo e da necessidade de transformá-lo levou o poeta a produzir uma poesia de postura engajada que pudesse ser transformada em instrumento de luta ao retratar o seu tempo presente: Como se observa no fragmento abaixo do poema “Mãos dadas”:

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. (ANDRADE,
2001. p. 59).

O crítico literário Antônio Cândido sintetizou a característica ímpar da obra de Drummond permitindo um claro entendimento do *Sentimento do Mundo* e “Mãos Dadas”. Para esse estudioso, o próprio título do livro indica “a polarização” da obra madura de Drummond: “de um lado, a preocupação com os problemas sociais; de outro, com os problemas individuais, ambos referidos ao problema da expressão, que efetua sua síntese” (1970, p.56). Para Antônio Cândido o sujeito poético de Drummond passa a viver um dilema entre os temas sociais de sua época — a política, a alienação, os homens, enfim a vida cotidiana e passageira — e entre suas impressões subjetivas sobre todos esses temas. A tentativa de constituir uma síntese desse dilema em palavras é o “problema da expressão” a que se refere o crítico.

O poeta convida seus companheiros intelectuais para que, juntos, possam realizar uma ação transformadora como sujeitos históricos conscientes de sua realidade contemporânea. Para isso, o poeta resigna-se, aproveitando o ensejo para retificar a atitude do eu-lírico, em seu primeiro livro, “Alguma poesia” (1930), no qual afirmava:

Mundo vasto, vasto mundo,
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima não uma solução
Mundo vasto, vasto mundo,
mais vasto é meu coração. (ANDRADE, 1971, p. 05)

Nos versos acima citados, o eu-lírico se mostra distanciado do mundo exterior, se apresenta com uma atitude puramente egocêntrica, ou seja, está alheio a todos os problemas do mundo afirmando que seu coração é enorme, maior que o mundo e isso lhe basta, não precisa de mais ninguém, pois na grandeza deste coração está tudo do que o eu-lírico necessita. Porém, em ***Sentimento do Mundo***, esta postura egocêntrica dá lugar a um novo eu, mais pobre e humilde, fazendo autocrítica, exibindo num poema intratextual, um sentimento de culpa por ter tido um

ego tão orgulhoso, como veremos no poema abaixo intitulado “*Mundo Grande*”. Teremos, então, um eu-lírico consciente da sua pequenez. Sabe agora que, em seu coração não cabem sequer suas dores por isso, faz-se necessário, gritar, se expor e acima de tudo entender que precisa de todos.

Essa tomada de consciência faz com que, ao desprender-se de seu individualismo, seu lado humano perceba o outro, a vida comum, o homem comum. A constatação parte da certeza de que o mundo é grande, muito maior do que até então imaginava, um mundo de homens de cores e dores diferentes.

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.
Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.
Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso,
tudo isso
num só peito de homem ... sem que ele estale.
Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos voltarão?
Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)
Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas
e convocando ao suicídio.
Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.
Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
Entre a vida e o fogo,
Meu coração cresce dez metros e explode.
Ó vida futura! nós te criaremos (ANDRADE, 2001, p.87).

Ainda sobre o poema “*Mundo Grande*” o uso da primeira pessoa revela um indivíduo em tensão com o mundo; num mundo em que os aspectos negativos prevalecem, tais com: incerteza, solidão, dispersão, sofrimento, morte, fogo. Percebe, porém, que no tamanho isolamento em que se encontrava não era possível ouvir a comunicação dos homens, não era possível crescer e essa individualidade o empobrecia. Assim, tudo isso se desfaz quando o eu-lírico toma consciência da tristeza de ter ignorado todas as coisas inerentes ao ser humano. E diante dessa autoconsciência da necessidade do outro, tudo o que marca o individualismo é descartado, como assinala Santos:

Nega-se tudo aquilo que marca o individual (“coração”, “rua”) para afirmar-se o coletivo, (o “mundo”), a consciência da necessidade do outro, que passa a ser o portador da verdade desejada pelo sujeito. O sentido da fraternidade se organiza como um processo de aprendizagem do mundo (SANTOS, 2006, p.94).

Vivendo em um clima de guerra, em que a tranquilidade se esvaía e a brutalidade humana se fazia presente, o futuro, para o poeta, se lhe apresentava como incerto:

“Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos –voltarão?”

A incerteza do poeta no que se refere ao futuro é corroborada, também, pelos versos: “Meu coração não sabe. / Estúpido, ridículo e frágil é meu coração”, nos

quais o poeta associou sua incerteza com relação ao mundo, ao fato de seu coração ser fraco e frágil, ou seja, tais incertezas só poderiam surgir de corações fracos, de corações indecisos. Mostra-se limitado, cheio de incertezas, sabe que sozinho torna-se fraco e vulnerável aos acontecimentos do mundo ao seu redor.

A expressão “Só agora” indica a mudança de postura do poeta, ou seja, indica um novo redirecionamento, onde se inicia uma tomada de consciência da necessidade do outro e à sua atuação no mundo, demonstrando que ele começa a tomar consciência do que lhe é inerente ou está diretamente relacionado: “Só agora descubro / como é triste ignorar certas coisas”. A esses versos segue-se a conclusão “Na solidão de indivíduo / desaprendi a linguagem / com que homens se comunicam”, indicando que ao isolar-se do mundo teve como consequência a dificuldade de se comunicar. Desse modo, o eu, humilde, está disposto a criar uma perspectiva de um mundo novo, recriado pelos homens de seu tempo:

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
- Ó vida futura! Nós te criaremos (ANDRADE, 2001, p.77).

Um importante poema dessa obra é “Elegia 1938”, que traz no título uma relação com o lirismo clássico. “Elegia” é um tipo de poesia melancólica, fúnebre. A outra parte do título, “1938”, contextualiza uma época, pois um ano antes havia acontecido a dissolução do Congresso e a implantação do Estado Novo. Nesse poema, o eu lírico questiona a alienação e a estagnação do indivíduo com relação aos acontecimentos de sua época:

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes sinistras bibliotecas.
Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.
Caminhas entre mortos e com eles conversas
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.
(ANDRADE, 2001, p. 73).
Sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.

A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição

O poema, que traz a expressão “Grande Máquina” é, segundo o crítico Pedro Lyra, “um resumo da representação do sistema social explorador, com seu alcance econômico, político e militar” (LYRA, 2002, p.54). Assim como, “Manhattan” pode ser vista como metonímia do capitalismo americano e universal, o poema oferece a imagem da noite, associada ao elemento negativo, estagnado, minimizando o homem. Há o contraste entre “pequenino” X “indecifráveis palmeiras”, acenando para a pobreza do indivíduo diante da impotência e mistério do mundo.

Verifica-se, ainda, a ironia ao referir-se às estátuas de bronze dos heróis, estagnados nas praças e bibliotecas, bem como a autocrítica que o poeta faz à literatura, vista como desumana, elitizante, totalmente desprovida do caráter de compromisso social.

Na prosa poética “O Operário no Mar”, o poeta eterniza algo semelhante a uma página diacrônica do cotidiano de um homem comum, um trabalhador, um operário. Nota-se que a simples passagem daquele trabalhador, daquele operário pelo poeta desperta-lhe o interesse de se estabelecer uma possível comunicação, apesar das diferenças que os cercam. Santos (2006, p.98) assinala ainda, que “na visão de Drummond, o operário é uma figura alheia à realidade discursiva da qual o poeta participa”.

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei.

A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário?

Teria vergonha de chagá-lo meu irmão. Ele que não é, nunca foi meu irmão, e não nos entenderemos muito. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha.

Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? (...) Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei? (ANDRADE, 2001:71-72).

Ainda sob as considerações de Santos (2006, p. 98):

O sujeito lírico esforça-se para acreditar na comunicação fraternal entre ele e o operário, mas subsiste a consciência da distância de classe e raça entre o intelectual e o operário, representado por um homem comum a quem não sobra tempo para pensar sobre os acontecimentos do mundo.

O poema “Privilégio do mar” apresenta uma visão crítica da alienação burguesa, porém o poeta usa agora o verbo na primeira pessoa do plural, incluindo-se também entre os alienados. O eu-lírico, de cima de seu terraço de frente para o mar, afirmando uma condição privilegiada, apenas olha o mar e toma sua cerveja sem nenhuma preocupação, pois sabe que nada os atingirá, o mundo é sólido e o edifício também.

Neste terraço mediocrementemente confortável,
bebemos cerveja e olhamos o mar.
Sabemos que nada nos acontecerá.
O edifício é sólido e o mundo também.(...)
Podemos beber honradamente nossa cerveja (ANDRADE, 2001, p. 41).

Alfredo Bosi caracteriza como perfil da obra de Carlos Drummond de Andrade a união de um “hiato entre o parecer e o ser dos homens e dos fatos que acaba virando matéria privilegiada de humor”, (BOSI, 1975. p. 491.).

Bosi, ainda o caracteriza quanto à visão que o poeta tem de mundo, essa visão seria postulada por um certo tom “negativo na medida em que se ensombra com os tons cinzentos da acídia, do desprezo e do tédio, que resulta na irrisão da existência”. (BOSI, 1975, p.492).

Em **Sentimento do Mundo**, também é enfocada a maneira com a qual a sociedade delimita regras de comportamento, oprimindo o indivíduo com uma série de normas que deveriam ser obedecidas para se manter padrões. Como se vê no “Poema da necessidade”:

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.
É preciso salvar o país,(...)
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.
É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores,
de que rezam velhos autores.
É preciso viver com os homens,
é preciso não assiná-los,
é preciso Ter mãos pálidas
e anunciar o FIM DO MUNDO (ANDRADE, 2001).

No poema acima Drummond utiliza a figura de linguagem anáfora com a repetição de “é preciso” no início de todos os versos, com exceção do último. O poeta faz referência à necessidade de se estudar “volapuque”, a qual era uma língua artificial que o seu autor, o alemão J. Martin Schleyer (1839-1913), pretendia universalizar, e que se compunha de dezoito consoantes e oito vogais, com correspondência exata entre a pronúncia e a escrita.

Num mundo em que a guerra é eminente no contexto mundial, o eu-lírico nos convida a estarmos “sempre” bêbados, nos convida a salvar o país e a lermos Baudelaire para esquecermos dos enfados diários na ânsia de libertarmos das amarras do mundo que nos constrange, que nos aprisiona. O convite é uma referência ao poeta boêmio, um simbolista.

É o que nos diz Baudelaire(1995-145):

É necessário estar sempre bêbado. Tudo se reduz a isso; eis o único problema. Para não sentirdes o fardo horrível do Tempo, que vos abate e vos faz pender para a terra, é preciso que vos embriagueis sem cessar. Mas – de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor. Contato que vos embriagueis. (...) Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas! De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor.

Segundo o crítico Gilberto Mendonça Teles o Poema da necessidade:

... aparece um sistema de clichês que desenvolve uma ideia fixa instalada entre o homem e o mundo, numa tensão dramática que, dentro da enumeração caótica dos sujeitos, acaba por resolver-se num documento de profunda ironia em face dos acontecimentos, como queria o poeta. (...), uma alusão carregada de humor dentro da atmosfera do cotidiano que envolve a composição”. (apud MACIEL e XAVIER, 2002, p.45)

Os padrões de conduta sociais são relatados de forma repetitiva impondo o que é o correto numa sociedade que caminha para o caos. Verifica-se na repetição da expressão “É preciso”, a maneira com a qual o poeta procurou delinear as necessidades criadas por um sistema que reprime a subjetividade do indivíduo no momento de suas escolhas.

O poeta nasceu em Itabira - Minas Gerais em 31 de outubro de 1902, porém se rendeu às graças de uma vida urbana quando se mudou para o Rio de Janeiro, por volta de 1934. Através do contraste evidente entre o urbano e o rural, o poeta deixa transparecer sua “mineirice”, como declara Cruz: “o poeta entra nas profundas cavernas das minas do ser, e chega aos abismos interiores da mais autêntica mineiridade” (CRUZ, 2000, p. 2).

Para Bachelard a pequena cidade do interior de Minas Gerais é representada na forma de sonhos inatingíveis: “Então ela é mais do que uma lembrança. É uma casa de sonhos, a nossa casa onírica” (BACHELARD, 1990, p. 75). Bachelard declara ainda que “quando se sabe dar a todas as coisas o seu peso justo de sonhos, habitar oniricamente é mais do que habitar pela lembrança” (BACHELARD, 1990, p. 77). E Drummond reforça a ideia de que seus sonhos fazem parte do seu próprio ser e que o seu passado se apresenta no presente em suas memórias: “Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não vivem senão em nós” (2001, p. 71).

A palavra “Itabira” se repete por cinco vezes no poema, essa repetição remete o leitor à terra natal do poeta revelando a valorização do simples e o sentimentalismo de seu passado em Itabira. O passado se faz latente e permanente na memória do eu-lírico. Drummond afirma em seus versos:

Todos cantam sua terra, mas eu não quis cantar a minha. Prefiro dizer palavras que não são de louvor, mas que traem a silenciosa estima do indivíduo, no fundo, eternamente municipal e infenso à grande comunhão urbana. Ainda assim fui itabirano, gente que quase não fala bem de sua terra, embora proíba expressamente aos outros falarem mal dela. Maneira indireta e disfarçada de querer bem, legítima como todas as maneiras. E afinal, eu nunca poderia dizer ao certo se culpo ou se agradeço a Itabira pela tristeza que destilou no meu ser, tristeza minha, tristeza que não copiei, não furtei... que põe na rispidez da minha linha de Andrade o desvio flexível e amável do traço materno (ANDRADE, 2001).

“Confidência do Itabirano”

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.
[e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
(...)
(DRUMMOND, 1991, p. 46-7)

Nos versos: “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro/ Noventa por cento de ferro nas calçadas/ Oitenta por cento de ferro nas almas.” O eu-lírico se declara tão forte como o ferro que mesmo frente às mudanças de um mundo acelerado, ainda se diverte com lembranças de um passado que o enche de orgulho. Essa saudade que dói no peito do poeta representa um ser que, ainda que tenha se rendido ao funcionalismo público, sente satisfação de suas origens, as quais são sua maior herança.

Segundo Merquior esse contraste entre a cidade grande e a cidade do interior permite ao poeta críticas:

...a ambivalência dos sentimentos de Drummond no que se refere ao núcleo familiar e também aos antepassados parece no fundo confirmar sua posição de homem que cavalga dois mundos sociais, dois universos de cultura: o Brasil tradicional da fazenda e o Brasil moderno, urbanizado. [...] Contudo, em Drummond, a visão social se *liga* a uma autêntica crítica da cultura; à crítica da burguesia (incluindo a burguesia senhorial das fazendas), se junta uma análise não menos desencantada do estilo de vida da sociedade moderna, “burguesa” ou não”. (Merquior, 1976, p.88)

Aprofundando ainda mais no universo de Drummond, Merquior faz uma análise do momento de consciência de um poeta ciente do mundo em evolução afirmando:

...É então que a perda de Itabira se torna dolorosa, ainda que o poeta, testemunha perfeitamente consciente de uma época em transição, e sem jamais identificar-se, a rigor, com qualquer forma social, não chegue a pregar a restauração de qualquer passado (Merquior, 1976, p.89).

5. CONCLUSÃO

Vê-se, então, que o poeta Drummond, como o homem de seu tempo, procurou refletir em sua obra o choque entre o indivíduo e o mundo negando o individualismo e apresentando uma nova proposta de percepção da realidade social, na qual a poesia é o principal vetor para essa reflexão.

Na obra “**Sentimento do Mundo**”, a poesia se constrói através da experiência empírica com o mundo exterior. Combatendo a alienação, Drummond, nesses poemas, procurou a palavra panfletária, que fizesse com que fosse possível deslumbrar um novo horizonte, através de uma ação representativa do indivíduo na sociedade.

Percebe-se que os versos de Drummond, produzidos na década de 30, e com propósito de configurar o contexto sociocultural de então, são, transpostos para a atualidade, logo são atemporais. Isso, porque de novo instaura-se na contemporaneidade o sentimento de esperança e o chamado para que o sujeito desempenhe seu papel social com consciência e atitude participativa. O mundo é grande, e há uma vida futura, que só com a postura de sujeitos históricos será criada.

6. REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. In: Reunião. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1971.
- _____. **Farewell**. Rio de Janeiro. Record. 1997.
- _____. **O Observador no Escritório: páginas de diário**. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.
- _____. **Sentimento do Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- ANDRADE, Eliandro Luiz Andrade. **Sinopse e Análise Literária**. Juiz de Fora - MG: Mago Cultural – Produções Literárias, 2006 – 2007.
- ARRIGUCCI, Jr., Davi. **Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond**. São Paulo, Cosac Naify, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo. Martins Fontes. 1990.
- BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos Poemas em Prosa (O Spleen de Paris). Embriagai-vos (XXXIII)**. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. In: Poesia e Prosa: volume único. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 322.
- BOSI, Alfredo. **Histórica concisa da literatura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BRAYNER, Sônia (org.). **Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (col. Fortuna Crítica), 1978.
- CAMILO, Vagner. **Drummond: Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970; p. 112.

CRUZ, Domingos Gonzáles. **No meio do caminho tinha Itabira: ensaio poético sobre as raízes itabiranas na obra de Drummond.** Rio de Janeiro. BVZ: O Mundo do Livro. 2000.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo.** São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LYRA, Pedro; PY, Fernando. **Carlos Drummond de Andrade.** Rio de Janeiro. Ed. Agir, 2002. Coleção “Nossos Clássicos”.

MACIEL, Luiz Carlos Junqueira e Gilberto Xavier. **Cadernos de Literatura Comentada: Vestibular 2002.**

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso & universo em Drummond.** Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1976.

MOISÉS, Massuad, **1928 – História da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

MORAES, Emanuel de. **Drummond. Rima. Itabira. Mundo.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1972.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: O Gauche no Tempo.** Rio de Janeiro: Record, 1992.

SANTOS, Vivaldo Andrade dos. **O Trem do Corpo.** São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

TELES, Gilberto Mendonça. **Drummond: a estatística da repetição.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

VOLAPUQUE. In **Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [consult. 12-08-2014]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/volapuque>